

Recortes de Imprensa

Dezembro 2008



Associação Portuguesa de Apoio à Vítima garante serviço

Vila Real volta a ter centro de apoio a imigrantes

Um ano e meio depois de ter encerrado, alegadamente por falta de utentes, o Centro Local de Apoio à Imigrantes de Vila Real vê nascer um novo espaço de ajuda aos estrangeiros que escolhem o distrito para viver e trabalhar. A funcionar na sede da delegação da APAV, o novo serviço pretende responder às necessidades dos imigrantes ao nível da informação sobre legalização e ainda prestando apoio social aos mais carenciados.

Maria Meireles



Está a funcionar desde o dia 19 o Centro Local de Apoio à Integração de Imigrantes (CLAII) de Vila Real, um espaço que surge de uma parceria única a nível nacional entre uma delegação local da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) e o Alto Comissariado para a Integração e Diálogo Intercultural (ACIDI).

Segundo Elisa Brites, responsável pela APAV em Vila Real, o CLAII "é um espaço de acolhimento, informação e apoio descentralizado que visa ajudar a responder às questões e problemas que se colocam aos imigrantes".

"Hoje os CLAII's são muito mais do que centros de informação, são efectivamente centros de integração", sublinhou Rosário Farmhouse, Alta Comissária para a Imigração e Diálogo Intercultural, contabilizando que o centro vila-realense é o 81.º a ser inaugurado em Portugal.

Confrontada com o facto

de já ter existido na capital transmontana um CLAII, que terá encerrado devido à baixa procura dos imigrantes, a mesma responsável explica que os primeiros Centros de Apoio, criados através de parcerias com a Igreja Católica, em 2003, constituíram-se como uma rede dinâmica, com alguns a encerrarem devido à falta de procura motivada por diversos factores. No entanto, a mesma responsável sublinhou que um dos "princípios chaves para o sucesso da integração dos imigrantes é a proximidade". "É essencial ter conhecimentos no terreno para poder antecipar problemas, adequar respostas e estabelecer novas políticas", considerou Rosário Farmhouse.

Com uma equipa multidisciplinar e um técnico a trabalhar a tempo inteiro, o CLAII de Vila Real funciona entre as 10h e as 12h e as 14h e as 17h, podendo os imigrantes encontrar ali respostas aos

seus problemas ou direccionamento adequado para outras instituições. Mais, segundo Elisa Brites, o centro está já a fazer um levantamento das necessidades que possam existir no distrito, fazendo um retrato sobre quem são os imigrantes e como pode ser feita a sua integração.

Com 15 gabinetes espalhados por todo o país, esta é a primeira delegação da APAV a assumir a Parceria com o ADICI, no entanto, como explicou João Lázaro, presidente da associação, já existe uma Unidade de Apoio à Vítima Imigrante e de Discriminação Racial ou Étnica, em Lisboa, e ao longo dos últimos anos a APAV tem vindo a trabalhar na área do apoio à integração.

"Queremos que eles se sintam em casa" revelou Elisa Brites, uma postura que faz jus à hospitalidade dos portugueses, que, como adiantou Carlos Miranda, repre-

sentante do Governo Civil de Vila Real, já foi mesmo reconhecida num estudo de uma universidade britânica que aponta o nosso país, como o segundo da Europa no acolhimento aos seus imigrantes.

Até o final do mês de Outubro, os CLAII's existentes em Portugal registaram 42 mil atendimentos, sendo que a maior parte dos imigrantes que recorreram aos serviços eram provenientes do Brasil, Cabo Verde, Angola, Ucrânia e Guiné-Bissau, e a principal motivação a ajuda à legalização ou à obtenção de emprego.

Segundo a Comissária, uma das maiores dificuldades dos imigrantes é a "contra-informação". Algumas pessoas "aproveitam-se da ingenuidade e do desconhecimento dos imigrantes para passarem informações que não são verdadeiras", lamentou.



“HÁ MARCAS QUE NINGUÉM DEVE USAR”



Sob o mote “Há marcas que ninguém deve usar” a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) lançou uma campanha de sensibilização cujo objectivo é aumentar a consciencialização de que a violência doméstica é, antes de mais, um crime e que não pertence a um só estrato social. A acção de sensibilização, é suportada por uma campanha de publicidade intitulada “Moda”, desenvolvida pela Agência de Publicidade Grey, constituída por um filme TV 30”, três anúncios de imprensa e ainda o conceito do evento de lançamento da campanha.



Maria de Belém Roseira em **Leiria**

JS debate violência doméstica

Violência Doméstica – Uma Verdade em Silêncio é o tema de uma conferência organizada pela Federação Distrital de Leiria da Juventude Socialista, na sexta-feira, no auditório da sede da Federação Distrital de Leiria a partir das 21 horas. O assunto será debatido por Maria de Belém Roseira, depu-

tada do PS, membro do Grupo de Trabalho – Campanha de Combate à Violência Doméstica e membro da Direcção da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), e por Elisabete Brasil, presidente da Direcção das Mulheres Alternativa e Resposta (UMAR). ■



Eliminação da Violência contra as Mulheres

Celebrou-se a 25 de Novembro o Dia Mundial para a Eliminação da Violência contra as Mulheres.

O Secretário-geral das Nações Unidas Ban Ki-moon divulgou uma mensagem na qual afirma que em todos os países do mundo, ricos e pobres, as mulheres são submetidas a sevícias, brutalidades, estupros, assassinios, e são vítimas do tráfico de seres humanos.

Trata-se de violações dos direitos humanos que vão muito além do dano individual, porque representam uma ameaça ao desenvolvimento, à paz e à segurança de inteiras sociedades.

Graças à decisiva resolução do Conselho de Segurança 1820, adoptada no passado mês de Junho, o uso da violência sexual como instrumento de táctica bélica é agora reconhecido como uma questão relativa à paz e à segurança internacional.

Ban Ki-moon afirma que a responsabilidade de contribuir para pôr termo à violência contra as mulheres é de todos nós, homens e mulheres, soldados e agentes de paz, cidadãos e governantes. Os Estados devem honrar o seu compromisso em prevenir a violência, entregar os responsáveis à justiça e indemnizar as vítimas.

O Dia Mundial para Eliminação da Violência contra as Mulheres foi instituído pela Assembleia Geral da ONU a 25 de Novembro de 1999.

A violência contra as mulheres toma várias formas:

Tanto pode ser física, psicológica, emocional, verbal, económica e/ou sexual.

O objectivo da pessoa que agride é sempre o de controlar a mulher, isolá-la, torná-la frágil e insegura.



Exemplos de violência:

física

-Bofetadas; Puxar; Empurrar; Esmurrar; Beliscar/picar; Morder; Arranhar; Deitar ao chão; Socos, pontapés; Cuspir; Bater com um objecto; Agredir com armas ou objectos (pau, régua, cinto, chicote, faca, etc.)

psicológica:

-Ameaçar bater; Ameaçar fazer mal às crianças, animais, etc.; Ameaçar usar uma arma; Ameaçar matar-se; Partir objectos, destruir bens pessoais; Dar murros nas paredes; Bater com as portas; Perseguir (telefonemas incessantes, e-mails ou mensagens ameaçadores, fazer esperas)

emocional:

-Criticar pensamentos, sentimentos, opiniões e acções; Interromper quando está a comer, a falar, etc.; Culpar de tudo o que corre mal; Deitar abaixo devido a defeitos físicos; Perseguir no contexto do emprego, família ou ami-

go/as; Ter atitudes de extremo ciúme (acusa-a de ter amantes, de andar a enganar); Controlar as conversas telefónicas, os quilómetros do carro; Proibir de usar o telefone, de ver amigas/os; Não deixar sair de casa; Forçar a fazer coisas degradantes (por exemplo: ajoelhar-se); Insultar pessoas de quem gosta, amigas/os ou família; Tratar como se fosse uma empregada; Não considerar a sua opinião nas decisões da família

verbal:

-Insultar, chamar nomes; Fazer comentários cruéis; Berrar

económica:

-Tirar o dinheiro (ordenado, subsídios e pensões); Esconder a situação financeira do casal, negar o acesso à conta bancária; Obrigar a pedir dinheiro e a prestar contas; Controlar as despesas (o que comprou, quanto gastou, o uso do carro, o uso do telefone)

sexual:

-Criticar (chamando;lhe "frígida"); Chamar de prosti-

tuta; Toques não desejados; Forçar a actos sexuais que não deseja (sexo oral, actuação pornográfica, etc.); Forçar a ter relações sexuais com outras pessoas; Exigir sexo quando está doente, cansada ou depois de lhe ter batido; Violação

Qualquer mulher deve ter a liberdade de:

- viver em segurança
- andar na rua sem ser incomodada ou assediada
- utilizar os transportes sem receio
- abrir a porta de casa sem medo
- frequentar os locais públicos a qualquer hora do dia ou da noite

Alertas - (se for vítima ... se for testemunha). Não tenha medo de denunciar!

Em Portugal ligar em caso de urgência 800202148.

Apresentar queixa às autoridades competentes.

Pedir apoio à APAV - Associação de Apoio à Vítima - 707200077.



ACTUAL

A APAV LANÇOU UMA CAMPANHA DE SENSIBILIZAÇÃO SOB O CONCEITO CRIATIVO INTITULADO "MODA", PELA VULNERABILIDADE COMUM QUE AFECTA MILHARES DE VÍTIMAS SUJEITAS A VIOLÊNCIA.



Campanha

87% das vítimas
é mulher

34,1%
tem idades compreendidas
entres os 26 e 45 anos

47% das vítimas
está casada

Há MARCAS que ninguém deve usar

COMO se de uma produção de moda se tratasse, com modelos a efectuar poses distintas e glamourosas, o conceito criativo da campanha evidencia-se na típica descrição dos acessórios que a modelo está a usar mas, ao mesmo tempo, há sempre um elemento disruptivo, uma marca que se destaca pela negativa, uma marca que está, decididamente, a mais. Há, assim, um apelo à não indiferença, uma mensagem clara: que há marcas que ninguém deve usar.

O objectivo da campanha da APAV é aumentar a consciencialização de que a violência doméstica é, antes de mais, um crime e que não pertence exclusivamente a um estrato social, sendo, sim, transversal a todas as camadas da nossa sociedade.

Em 2007, Lisboa (29,2%), Porto (17,8%) e Cascais (13,4%) foram as áreas em que mais vítimas foram atendidas nos gabinetes de apoio da APAV. Segundo o relatório da APAV, entre 1990 e 2007 a associação registou um total de 138 526 crimes, através de 73 289 processos de apoio. Tendo em conta que em cada processo há mais de que uma vítima, a APAV terá apoiado cerca de 150 mil pessoas em 17 anos de existência. MM

40,8%
encontra-se empregada

10,7%
é trabalhador não-
qualificado dos serviços
e do comércio

78%
sofre de vitimização
continuada



Ser vítima não é uma opção, é uma imposição. O medo e a vergonha protegem o infractor e todos devemos unir esforços no sentido de dar coragem para a denúncia de todos os que vivem este flagelo social.



contra a violência doméstica



SOBRE A APAV

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) é uma instituição particular de solidariedade social, sem fins lucrativos, e pessoa colectiva de utilidade pública reconhecida que tem como objectivo estatutário e missão social a prestação de serviços gratuitos às vítimas de crime, prestando-lhes informação, aconselhamento e apoio emocional, jurídico, psicológico e social. Desde 1990, a APAV tem apoiado um número cada vez maior de vítimas de crime, num total acumulado de cerca de 73 000 processos de apoio que se traduzem num universo estimado de 150 000 pessoas.

A APAV apoia as vítimas de todos os tipos de crime, embora predominem, estatisticamente, as vítimas de crimes contra as pessoas com existência de violência (maus tratos, ameaças, crimes sexuais, violência doméstica e muitos outros).

Os Gabinetes de Apoio à Vítima estão em 15 cidades em todo o País (Albufeira, Braga, Cascais, Coimbra, Faro, Lisboa, Loulé, Odivelas, Ponta Delgada, Porto, Portimão, Santarém, Setúbal, Távira e Vila Real) e duas casas de abrigo para mulheres e crianças vítimas de violência: Casa de Abrigo ALCIPE e Casa de Abrigo SOPHIA.



Violência Doméstica em discussão

Acção de formação decorreu ontem no Centro Cultural e de Congressos de Aveiro dedicada ao tema "Resposta Integrada na Violência Doméstica"

■ O Centro Cultural e de Congressos de Aveiro recebeu ontem uma acção de formação denominada "Resposta Integrada na Violência Doméstica", ministrada por técnicos da APAV - Porto e do projecto "Para uma vida nova".

Dirigidas a técnicos que intervm na área da violência doméstica, a "Acção de Formação - Resposta Integrada na Violência Doméstica" teve por finalidade apresentar e disseminar o produto "Resposta Integrada na Violência Doméstica - Guia de Intervenção". Trata-se de um projecto construído no âmbito da parceria do projecto "Para uma Vida Nova" do Programa Comunitário EQUAL, cuja essência foi criar uma medida estruturante ao nível da intervenção integrada na violência doméstica, procurando potenciar os recursos existentes através da implementação de um programa de respostas integradas.

O objectivo desta formação é ainda contextualizar o projecto "Para uma vida nova..." em vigor no concelho de Penafiel, identificar componentes de um sistema de intervenção integrada na vio-



VIOLÊNCIA DOMÉSTICA foi tema de uma acção de formação que teve lugar no Centro de Congressos

lência doméstica, reconhecer o modo de operacionalização das dimensões do sistema deste tipo de intervenção, promover uma metodologia de trabalho em equipa e fomentar a aplicação prática

da "Resposta Integrada na Violência Doméstica".

Ontem, abordou-se o papel do voluntário na sociedade civil, o Regime Jurídico do Voluntariado, Direitos e Deveres do Voluntário e a Ética e Deontologia do Voluntário, entre outros temas.

A segunda acção de formação destina-se a voluntários inscritos no Banco de Voluntariado de Aveiro e vai decorrer no próximo dia 13 de Dezembro, das 9h15 às 17h30 horas, na Casa Municipal da Cultura - Edifício Fernando Távora, em Aveiro.

Esta acção de formação surge no âmbito da dinamização do

Banco de Voluntariado de Aveiro onde serão enquadradas as solidariedades e o seu papel na sociedade ao longo da história e nos dias de hoje, reflectindo sobre representações sociais dos voluntários.

Por outro lado, os aspectos técnicos inerentes à prática do voluntariado serão igualmente alvo de análise, sendo que aos voluntários serão dadas indicações respeitantes ao seu papel, direitos e deveres que lhe estão associados e haverá ainda a reflexão sobre a prática do voluntariado em diferentes contextos de intervenção.^{LV}

EDIÇÃO IMPRESSA



← [Câmara negoceia](#) [Assembleia de freguesia em Santo Onofre](#) →

Semana de Luta Contra a Violência Doméstica

Dezembro 10th, 2008 • Sem Comentários

A Federação Distrital de Leiria da Juventude Socialista está a promover a Semana de Luta Contra a Violência Doméstica, entre os dias 5 e 14 de Dezembro, sob o mote "Diga Não à Violência Doméstica! Denuncie!".

A razão de ser desta semana decorre da realização de um estudo elaborado pela Federação Distrital de Leiria da JS, ao qual denominou "Estudo sobre a Violência Doméstica", tendo esta estrutura política achado por bem colocar a problemática da Violência Doméstica no centro da sua agenda.

Deste modo, serão desenvolvidas diversas acções de rua em várias cidades do distrito de Leiria (Caldas da Rainha, Leiria, Pombal, Marinha Grande e Alcobaça), bem como será promovida uma visita de trabalho à Casa Abrigo para Mulheres Vítimas de Violência Doméstica de Pombal, implantada pela Associação de Pais e Educadores para a Primeira Infância (APEPI), que acolhe mulheres vítimas de violência doméstica, abandono ou exclusão social, sendo actualmente a única casa abrigo existente no distrito de Leiria.

Na noite de 5 de Dezembro realizou-se em Leiria uma conferência subordinada ao tema "Violência Doméstica – Uma Verdade em Silêncio", com a presença de Maria de Belém Roseira, deputada do Partido Socialista na Assembleia da República, membro do Grupo de Trabalho – Campanha de Combate à Violência Doméstica e membro da Direcção da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), e de Elisabete Brasil, presidente da Direcção das Mulheres Alternativa e Resposta (UMAR).

Tags: Política

Idosos: Primeira utente de centro de apoio em Vieira do Minho estava há meses sem reforma

14 de Dezembro de 2008, 10:08



Vieira do Minho, 10 Dez (Lusa) - Aos setenta e muitos ficou sem reforma. A segurança social continuava a pagar-lhe, mas a família ficava com o cheque. Apesar de não saber ler nem escrever, recorreu ao primeiro centro de apoio a idosos mal tratados e viu o problema resolvido.

Levada por uma amiga, Maria (nome fictício) foi a primeira utente do Centro de Atendimento a Idosos Vítimas de Maus-Tratos de Vieira do Minho, que abriu há uma semana e é o primeiro de três a abrir até ao final do ano.

"A senhora que pediu ajuda vivia uma situação dramática agravada pelo facto de não saber ler nem escrever", contou à Lusa Tito Peixoto, o psicólogo que criou na Santa Casa de Misericórdia de Vieira do Minho o centro de atendimento a idosos mal tratados.

Com o apoio da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), a idosa está agora "a salvo", adiantou.

Entre as agressões e maus-tratos relatados por idosos, "a mais cruel", defende Tito Peixoto, é "o roubo das reformas".

"Há famílias ou pessoas que cuidam dos idosos que, pura e simplesmente, lhes ficam com o vale da reforma e deixam o idoso sem um cêntimo", frisou a mesma fonte.

Sem dinheiro, os idosos ficam ainda mais dependentes e sujeitos à violência e aos maus-tratos.

Em Vieira do Minho, o relato feito por Maria de que há meses lhe retiravam todo o dinheiro foi posteriormente confirmado e as autoridades foram chamadas a intervir.

Os centros de atendimento a idosos vítimas de maus-tratos são uma iniciativa de um grupo de psicólogos, o Grupo de Estudos e Avaliação das Pessoas Idosas Vítimas de Maus-Tratos (GEAVI), que visa responder ao número cada vez maior de idosos vítimas de maus-tratos e negligência.

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) refere que, nos últimos anos, tem havido um aumento substancial do número de denúncias por parte das pessoas idosas vítimas de crime, sendo os maus-tratos psíquicos uma das queixas mais frequentes.

Só no primeiro semestre do ano recorreram à APAV 308 pessoas idosas vítimas de violência.

"Pelo facto do abuso contra pessoas idosas ser um assunto sub-referenciado, em particular pelas próprias vítimas, que temem as consequências da sua denúncia, estima-se que os dados disponíveis sejam apenas a ponta do iceberg", refere Tito Peixoto.

Segundo o psicólogo, os maus-tratos a idosos ainda são um tema "pouco tratado em Portugal" e a sua real dimensão é "pouco conhecida, porque não há investigação nesse sentido".

"Há muitos idosos que vivem em regiões isoladas em que estas situações são camufladas", disse o responsável da consulta psicológica da Universidade do Minho, em Braga.

O psicólogo admitiu que será difícil levar estas pessoas às consultas do centro de atendimento de Vieira do Minho: "Eventualmente, teremos de ser nós a ir ter com os idosos".

"Estamos a divulgar o centro através de avisos nas missas e de notícias nos jornais e rádios da região", disse.

Num concelho com 15 mil habitantes e onde cerca de 10 mil têm mais de sessenta anos, a Santa Casa de Misericórdia de Vieira do Minho optou por divulgar o centro de atendimento através das paróquias e das comissões inter-freguesias.

Sem horários nem dias marcados para as consultas, os idosos serão atendidos por técnicos da Santa Casa sempre que "pedirem ajuda".

Na Faculdade de Psicologia de Braga e de Coimbra, o grupo de médicos e psicólogos deverá abrir, até ao fim do ano, mais dois centros de atendimento.

"Há um fenómeno de maus-tratos a idosos que é real mas do qual não existem quaisquer tipo de dados. É a primeira vez que está a ser feita uma abordagem científica para saber quantos idosos são maltratados e que tipo de agressões, físicas e psicológicas, sofrem", salientou Tito Peixoto.

"O isolamento social, a dependência entre o agressor e o agredido, os estereótipos em relação ao envelhecimento e o stress do cuidador são os principais factores que potenciam a agressão", disse.

EYM/HN.

Lusa/Fim



TRIBUNAL OBRIGA MARIDO AGRESSOR E MULHER AGREDIDA A VIVEREM NA MESMA CASA

Juntinhos é que estão bem!

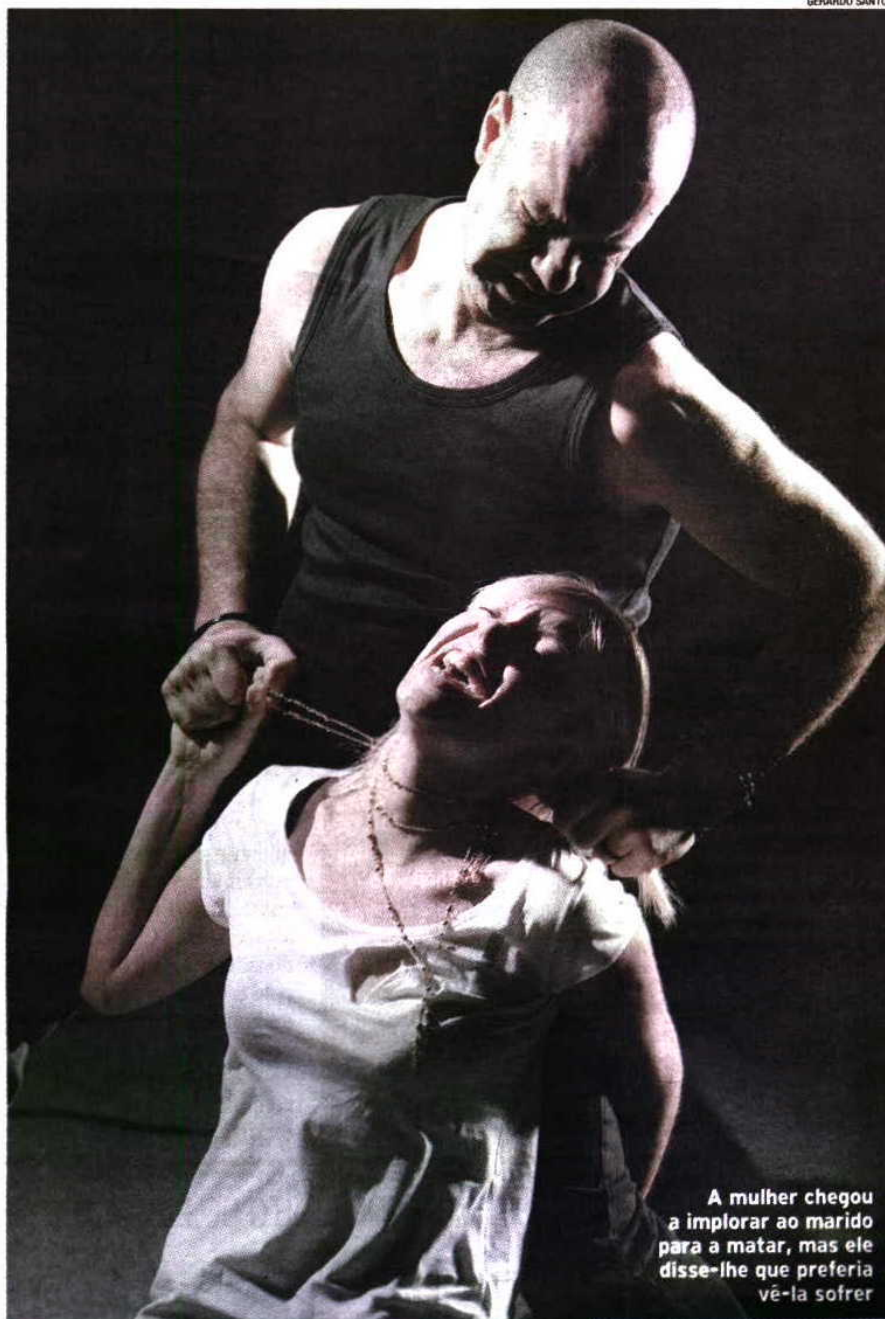
Vítima de maus tratos durante mais de 30 anos, M.A. vê-se obrigada a conviver com o homem que a agride. O Tribunal de Alcanena mandou-o afastar de casa. Mas a Relação de Coimbra diz que o direito à habitação "também é um direito constitucional"

Texto • Luis Maneta

Vítima de agressões e insultos por parte do homem com quem está casada desde 1969, M.A. viu o agressor ser condenado em tribunal a dois anos de prisão, suspensos por idêntico período, e a afastar-se de casa durante 16 meses.

O homem recorreu da sentença. E o Tribunal da Relação de Coimbra, num acórdão agora divulgado, mantém a pena suspensa mas considera "excessivo" forçar o agressor a deixar o lar – onde foram praticados os crimes – uma vez que "o direito a uma habitação também é um direito constitucional".

Vítima e agressor terão assim de partilhar o mesmo espaço. Para a Associação de Apoio à Vítima (APAV), o resultado mais provável será a continuação da violência. "Infelizmente, temos outros casos semelhantes



A mulher chegou a implorar ao marido para a matar, mas ele disse-lhe que preferia vê-la sofrer

factos

LIDA. Para além de se ver obrigada a dividir o lar com a pessoa que a agrediu, a mulher ainda faz o trabalho doméstico. É ela que limpa a casa e "trata da roupa do arguido, lavando-a e passando-a a ferro", segundo ficou provado em tribunal.

MORTE. Nem no dia em que o seu filho morreu, M.A. conseguiu livrar-se das agressões. Ao ver o corpo, começou a chorar e a gritar, tendo sido empurrada pelo marido. Em tribunal, disse não ter saído de casa por temer "represálias" sobre as filhas.

em que as mulheres voltam a ser vítimas", diz Helena Sampaio, da APAV, lamentando que a Justiça portuguesa demonstre "dificuldade em acompanhar as necessidades específicas e os direitos das vítimas de crimes".

"A partir do momento em que o agressor volta para casa estão reunidas as con-

dições para novos episódios de violência", alerta Helena Sampaio.

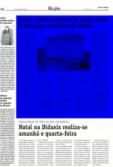
De acordo com os factos provados em tribunal, desde o casamento que M.A. foi vítima, "de modo reiterado e constante", de agressões físicas e verbais. Episódios de violência, por vezes presenciados pelos filhos, que incluíam "bofetadas, murros, pontapés, puxões de cabelos, empurrões contra as paredes e arremesso de objectos" na direcção da mulher.

Uma das vezes, a 28 de Abril de 2006, quando M.A. "tentou rastejar" para sair do local onde estava a ser violentamente agredida, pediu ao marido para lhe tirar a vida. E este respondeu que "preferia vê-la sofrer, nem que fosse por vinte minutos". Quatro meses depois, ameaçava-a com duas pistolas.

Condenado a pena de prisão e indemnização

"O arguido agiu com total indiferença aos deveres de respeito e cooperação para com o seu cônjuge, sem motivo justificativo e com o fim exclusivo de fazer valer a sua vontade pelo recurso à violência física e psíquica", reconheceu o Tribunal de Alcanena, que, em primeira instância, condenou o agressor a dois anos de prisão, a pagar uma indemnização de 4500 euros à vítima e a manter-se afastado de casa durante 16 meses.

Embora mantendo a pena, os desembargadores da Relação de Coimbra dizem-se "sensíveis" aos argumentos do homem para permanecer na habitação de família. "O casal sempre viveu na mesma casa e não há factos donde se retire que o arguido possa, com maior ou menor dificuldade, acolher-se noutra", refere o acórdão. ■



Apoio a idosos vítimas de maus-tratos já funciona em Vieira do Minho

Aos setenta e muitos ficou sem reforma. A segurança social continuava a pagar-lhe, mas a família ficava com o cheque. Apesar de não saber ler nem escrever, recorreu ao primeiro centro de apoio a idosos mal tratados e viu o problema resolvido.

Levada por uma amiga, Maria (nome fictício) foi a primeira utente do Centro de Atendimento a Idosos Vítimas de Maus-Tratos de Vieira do Minho, que abriu há uma semana e é o primeiro de três a abrir até ao final do ano.

«A senhora que pediu ajuda vivia uma situação dramática agravada pelo facto de não saber ler nem escrever», contou a Lusa Tito Peixoto, o psicólogo que criou na Santa Casa de Misericórdia de Vieira do Minho o centro de atendimento a idosos mal tratados.

Com o apoio da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), a idosa está agora «a salvo», adiantou.

Entre as agressões e maus-tratos relatados por idosos, «a mais cruel», defende Tito Peixoto, é «o roubo das reformas».

«Há famílias ou pessoas que cuidam dos idosos que, pura e simplesmente, lhes ficam com o vale da reforma e deixam o idoso sem um cêntimo», frisou a mesma fonte.

Sem dinheiro, os idosos ficam ainda mais dependentes



Misericórdia de Vieira do Minho tem a funcionar centro para idosos vítimas de maus-tratos

e sujeitos à violência e aos maus-tratos.

Em Vieira do Minho, o relato feito por Maria de que há meses lhe retiravam todo o dinheiro foi posteriormente confirmado e as autoridades foram chamadas a intervir.

Os centros de atendimento a idosos vítimas de maus-tratos são uma iniciativa de um grupo de psicólogos, o Grupo de Estudos e Avaliação das Pessoas Idosas Vítimas de Maus-Tratos (GEAVI), que visa responder ao número cada vez maior de idosos vítimas de maus-tratos e negligência.

A Associação Portuguesa de

Apoio à Vítima (APAV) refere que, nos últimos anos, tem havido um aumento substancial do número de denúncias por parte das pessoas idosas vítimas de crime, sendo os maus-tratos psíquicos uma das queixas mais frequentes.

Só no primeiro semestre do ano recorreram à APAV 308 pessoas idosas vítimas de violência.

«Pelo facto do abuso contra pessoas idosas ser um assunto sub-referenciado, em particular pelas próprias vítimas, que temem as consequências da sua denúncia, estima-se que os dados disponíveis sejam apenas a ponta do iceberg», refere Tito Peixoto.

Segundo o psicólogo, os maus-tratos a idosos ainda são um tema «pouco tratado em Portugal» e a sua real dimensão é «pouco conhecida, porque não há investigação nesse sentido».

«Há muitos idosos que vivem em regiões isoladas em que estas situações são camufladas», disse o responsável da consulta psicológica da Universidade do Minho, em Braga.

O psicólogo admitiu que será difícil levar estas pessoas às consultas do centro de atendimento de Vieira do Minho: «Eventualmente, teremos de ser nós a ir ter com os idosos».

«Estamos a divulgar o centro através de avisos nas missas e de notícias nos jornais e rádios da região», disse.

Num concelho com 15 mil habitantes e onde cerca de 10 mil têm mais de sessenta anos, a Santa Casa de Misericórdia de Vieira do Minho optou por divulgar o centro de atendimento através das paróquias e das comissões inter-freguesias.

Sem horários nem dias marcados para as consultas, os idosos serão atendidos por técnicos da Santa Casa sempre que «pedirem ajuda».

Na Faculdade de Psicologia de Braga e de Coimbra, o grupo de médicos e psicólogos deverá abrir, até ao fim do ano, mais dois centros de atendimento.

«Há um fenómeno de maus-tratos a idosos que é real mas do qual não existem quaisquer tipo de dados. É a primeira vez que está a ser feita uma abordagem científica para saber quantos idosos são maltratados e que tipo de agressões, físicas e psicológicas, sofrem», salientou Tito Peixoto.

«O isolamento social, a dependência entre o agressor e o agredido, os estereótipos em relação ao envelhecimento e o stress do cuidador são os principais factores que potenciam a agressão», disse.



Violência Doméstica

GRITE PELOS SEUS DIREITOS



Sem orientação sexual Quem acha que violência caseira é coisa de heteros?

Campanha em versão gay

Em 2006, o juiz Pedro Albergaria redigiu um parecer, em nome da Associação Sindical dos Juizes Portugueses, onde considerava que o crime de violência doméstica não existe quando se trata de casais homossexuais. Porque nestes casos, considerou o juiz, o agressor não tem ascendente sobre a vítima. Dois anos depois deste parecer, bastante criticado na altura, a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) lança uma campanha que pretende alertar para a violência doméstica entre casais do mesmo sexo. O slogan é claro: "Grite pelos seus direitos - Violência doméstica entre pessoas do mesmo sexo é crime."

A campanha arranca em Janeiro, abrange todo o país e vai ser apresentada em quatro suportes: cartazes de rua, desdobráveis, anúncios de imprensa e um site criado para o efeito. É uma iniciativa da APAV, em colaboração com a associação gay ILGA Portugal.

"Queremos desmontar a ideia de que a violência doméstica só atinge casais heteros ou considerados problemáticos", explica Rosa Saavedra, assessora da direcção da APAV. "Os casais gays e os que aparentam ser felizes podem viver situações graves de violência", acrescenta. Daí

que as duas imagens da campanha - uma com um par lésbico, outra com um par gay masculino - embrulhem os sinais de violência física num ambiente quase paradisíaco (ver imagem).

É considerada violência doméstica "qualquer conduta ou omissão que inflija reiteradamente sofrimentos físicos, sexuais, psicológicos ou económicos, de modo directo ou indirecto a qualquer pessoa". A definição, elaborada por uma comissão de peritos que acompanha a execução das políticas contra a Violência Doméstica, também explica um facto essencial: pode haver violência doméstica mesmo em casos em que a vítima não viva com o agressor.

Maus tratos (físicos, emocionais, verbais ou psicológicos), isolamento social, intimidação, ameaças, violência sexual e controlo económico são os vários géneros de violência doméstica previstos no Código Penal. É um crime público punido com penas de prisão que podem chegar aos cinco anos.

Segundo dados da PSP, entidade que recebe a maior parte das queixas relativas a este assunto, as mulheres são as principais vítimas, ou, pelo menos, as que mais se queixam. Em 2007 houve 13050 casos, sendo as mulheres 81 por cento das vítimas. Bruno Horta



Festas



Juntos por uma causa

A APAV lançou a campanha “Há marcas que ninguém deve usar”. Consciencializar que a violência doméstica é um crime é o objectivo. No desfile os modelos tinham uma marca a mais...

Fotos: JOANA PAIS FERREIRA



← **Apresentadora**
Liliana Campos brilhou ao apresentar a nova campanha da APAV



ORIGINAL Isaac Alfaite com a mão na bota



← **Causa**
Isabel Figueira apoiou o projecto



Estado apoia associações para igualdade de género

Ajuda. Financiamento comunitário ronda os 77 milhões de euros

A Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género (CIG) assinou ontem com várias organizações não governamentais (ONG) direccionadas para a promoção da igualdade de género, uma declaração de compromisso com a igualdade, onde foi estabelecido um financiamento comunitário de 77 milhões de euros.

A APAV (Associação de Apoio à Vítima), a UMAR (União de Mulheres Alternativa e Resposta) e a MDM

(Movimento Democrático de Mulheres) foram algumas das 62 associações escolhidas, das mais de 150 candidaturas recebidas pela Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género (CIG).

Fonte do secretariado de Estado da Presidência do Conselho de Ministros assegurou ao DN que o dinheiro será investido em projectos desenvolvidos pelas associações e que todas as iniciativas serão fiscalizadas e acompanhadas pelo CIG. A fiscalização será feita através do controlo legislativo e no acompanhamento individual de cada projecto. ■

24-12-2008

Tiragem: 5000

País: Portugal

Period.: Semanal

Âmbito: Regional

Pág: 15

Cores: Preto e Branco

Área: 7,02 x 4,86 cm²

Corte: 1 de 1



Crianças em perigo - Portugueses denunciam cada vez mais os crimes

A sociedade portuguesa denuncia cada vez mais os crimes contra as crianças, o que denota estar mais desperta para a protecção dos direitos dos menores, disse à Lusa, a presidente da APAV.